

## FIDELIZAÇÃO DE CONSUMIDORES NA FEIRA ORGÂNICA

### *CONSUMER LOYALTY AT THE ORGANIC FAIR*

**Laura Borges**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR/Instituto de Desenvolvimento Rural  
do Paraná IAPAR-EMATER - IDR-Paraná  
lauraborges@alunos.utfpr.edu.br

**Norma Kiyota**

Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná IAPAR-EMATER – IDR- Paraná  
normak@idr.pr.gov.br

**Grupo de Trabalho (GT): 10 - Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e dinâmicas de consumo.**

#### **Resumo**

Este estudo analisa a Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto, em Pato Branco, como uma estratégia de comercialização de cadeias curtas e sua relação com a agricultura familiar e o consumo de alimentos saudáveis, buscando compreender a fidelização dos consumidores em relação aos feirantes e as causas da flutuação na frequência deste público nas feiras. A pesquisa investigou a dinâmica da feira entre 2020 e 2024, considerando a evolução do número de feirantes, a fidelização dos consumidores e os desafios enfrentados pelos agricultores, por meio do acompanhamento da frequência dos consumidores e entrevistas com os feirantes atuais e 45 consumidores para compreender a flutuação percebida na frequência dos consumidores nas feiras. Os resultados indicam uma redução significativa no público após a pandemia, possivelmente, influenciada pela rotatividade de feirantes e pela diminuição da diversidade de alimentos disponibilizados aos consumidores. Além disso, evidenciou-se a necessidade de estratégias de incentivo para fortalecer a comercialização direta e garantir a sustentabilidade econômica dos agricultores familiares.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, consumo, feiras, alimentos orgânicos.

#### **Abstract**

*This study analyzes the Organic and Handmade Products Fair in Bairro Planalto, in Pato Branco, as a short chain marketing strategy and its relationship with family farming and the consumption of healthy foods, seeking to understand consumer loyalty towards stallholders and the causes of fluctuations in the frequency of this public at the fairs. The research investigated the dynamics of the fair between 2020 and 2024, considering the evolution in the number of stallholders, consumer loyalty and the challenges faced by farmers, by monitoring consumer attendance and interviews with current stallholders and 45 consumers to understand the perceived fluctuation in consumer attendance at the fairs. The results indicate a significant reduction in attendance after the pandemic, possibly influenced by the turnover of stallholders and the reduction in the diversity of food available to consumers. Furthermore,*

*the need for incentive strategies to strengthen direct marketing and guarantee the economic sustainability of family farmers was highlighted.*

*Keywords: family farming, consumption, fairs, organic foods.*

## 1. Introdução

O artigo 6º da Constituição Federal de 1988 assegura o direito à alimentação, entre os direitos básicos de qualquer cidadão brasileiro. Uma alimentação adequada é um pré-requisito para a promoção da saúde da população, sendo reconhecido como um determinante à dignidade humana. Como um direito constitucional, torna-se obrigação do Estado, a criação de políticas públicas que promovam o acesso a uma alimentação de qualidade e é neste cenário que surgem políticas de valorização da agricultura familiar.

O Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido no Brasil na década de 1980 e regulamentado pela Lei 8.080/1990, incorporou a alimentação e a nutrição como suas áreas de atuação desde a criação do sistema. Exemplo disto é a 1ª Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição, realizada em 1986, que estabeleceu requisitos fundamentais para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

O debate sobre acesso a alimentação é antigo, porém, continua atual, estando entre as pautas da última cúpula do G20 que ocorreu no Brasil em 2024. G20 é uma abreviação de “Grupo dos 20”, formado pela união de 19 países e a União Europeia, criado na intenção de discutir questões mundiais como economia, comércio, desenvolvimento sustentável, entre outras pautas.

A edição mais atual do G20 aconteceu no Rio de Janeiro, nos dias 18 e 19 de novembro de 2024, onde o Brasil exerceu a presidência do evento. A reunião deste ano debateu a fome e a pobreza, firmando o compromisso de erradicar ambos até 2030. O que nos mostra que mesmo com a alta produtividade agrícola, nem todas as pessoas têm seu direito à alimentação assegurados pelo Estado.

O que nos leva ao centro do debate, o conceito de segurança alimentar. Segurança alimentar vai além da garantia de disponibilidade de alimentos, trata-se de assegurar que todas as pessoas tenham acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, de modo regular, e que estes alimentos sejam nutricionalmente adequados e produzidos de forma sustentável (Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, 2006). A segurança alimentar, portanto, conecta questões de saúde pública, justiça social e sustentabilidade ambiental, e assume um importante papel no enfrentamento de desigualdades sociais.

No Brasil, o debate sobre segurança alimentar ganhou espaço na década de 1980, inicialmente estando restrito à área de produção agrícola, com a ideia inicial de que a insegurança alimentar era causada pela baixa capacidade produtiva nacional. No entanto, a partir dos anos 1990, houve uma reformulação do conceito de segurança alimentar, passando a incorporar questões como o acesso aos alimentos, o poder aquisitivo, a qualidade nutricional e os impactos negativos do uso de agrotóxicos. Foi, também, neste período que surgiram programas sociais que buscavam abordar a insegurança alimentar de forma mais ampla, como o Programa Fome Zero, instituído em 2003, que promoveu ações para combater a fome e fortalecer a agricultura familiar.

Nesse contexto, a agricultura familiar assume um papel importante, pois não apenas garante o abastecimento interno, mas também contribui para a sustentabilidade ambiental e

para a manutenção de práticas agrícolas que promovem a biodiversidade na produção de alimentos. Quando associada à produção orgânica e agroecológica, a agricultura familiar reforça o compromisso com uma alimentação saudável e acessível, livre de agrotóxicos que oferecem riscos à saúde.

Contudo, a mudança nos padrões alimentares globais tem dificultado o fortalecimento desse modelo agrícola. A popularização de alimentos ultraprocessados e o aumento do consumo de *fast food* têm alterado os hábitos alimentares da população, promovendo uma dieta rica em gorduras, açúcares e aditivos químicos, enquanto reduz o consumo de alimentos in natura e minimamente processados. Um estudo realizado pelo Datafolha, encomendado pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), constatou um aumento do consumo de produtos ultraprocessados durante a pandemia (IDEC, 2020). Este cenário contribui com o aumento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como as cardiovasculares e a hipertensão.

As feiras de alimentos orgânicos e agroecológicos têm desempenhado um papel fundamental para ampliar o consumo de alimentos mais saudáveis, funcionando como canais curtos de comercialização entre produtores e consumidores, o que diminui o preço final dos produtos em comparação à comercialização em grandes mercados. Esses espaços, além de promoverem o acesso a alimentos de qualidade, também, fortalecem os vínculos sociais entre o campo e a cidade. As feiras orgânicas são ambientes de promoção da saúde, contribuindo para a redução das desigualdades alimentares e nutricionais.

Além disso, a permanência das feiras orgânicas depende de políticas públicas que garantam suporte aos agricultores familiares, como incentivos financeiros, capacitação técnica e subsídios para práticas agroecológicas. Estas medidas ajudam a enfrentar os desafios estruturais da produção familiar e permitem que os agricultores superem os obstáculos impostos pelas cadeias convencionais de mercado. Incentivar feiras e mercados locais, não apenas favorece o acesso a alimentos de qualidade, mas, também, fortalece a economia regional, criando um ambiente sustentável que beneficia tanto agricultores quanto consumidores.

A produção orgânica e familiar são um meio de resistência às dinâmicas predominantes do mercado, que frequentemente priorizam práticas agrícolas intensivas e industrializadas em detrimento da saúde humana e ambiental. Além disto, ao promover a valorização da agricultura familiar, as feiras orgânicas contribuem para a permanência das famílias no campo.

Apesar do papel essencial das feiras orgânicas no sistema alimentar, há fatores que influenciam sua dinâmica e público consumidor. Mudanças econômicas, culturais e sociais, como as desencadeadas pela pandemia de COVID-19, afetaram o comportamento de compra e o acesso a alimentos frescos. Em cidades de pequeno e médio porte, como Pato Branco, no Paraná, estas transformações são ainda mais evidentes. A Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto, por exemplo, testemunhou uma flutuação acentuada no número de frequentadores ao longo dos últimos anos, refletindo desafios e oportunidades do mercado de alimentos orgânicos.

Durante a pandemia de COVID-19, o Brasil voltou ao Mapa da Fome (AGÊNCIA SENADO, 2022), refletindo um aumento da insegurança alimentar grave. A crise sanitária intensificou desigualdades sociais e econômicas, deixando milhões de brasileiros em situação de extrema pobreza e sem acesso a uma alimentação adequada. Este cenário foi agravado pelo desmonte de políticas públicas que antes contribuíam para a redução da fome, como os

programas de apoio à agricultura familiar e de aquisição de alimentos para distribuição em comunidades vulneráveis.

A alta nos preços dos alimentos básicos impactou no aumento da fome, especialmente na região Norte e Nordeste do Brasil, onde quatro entre dez famílias reduziram consideravelmente o seu consumo de alimentos com o avanço da pandemia (OXFAM Brasil, 2022). Neste contexto, a produção de alimentos orgânicos e a existência de feiras locais ganham ainda mais relevância, pois não apenas oferecem alternativas saudáveis, mas, também, fortalecem a economia local e promovem o acesso a alimentos de qualidade, desempenhando um papel fundamental na mitigação dos efeitos da crise alimentar.

Diante desse cenário, a presente pesquisa se propôs a compreender o processo de fidelização dos consumidores e as causas da flutuação de público consumidor da Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto. Por meio de uma análise qualitativa, buscou-se interpretar os fatores sociais, econômicos e culturais que modificaram o comportamento dos consumidores ao longo do período de outubro de 2020 a dezembro de 2024. Entender esta dinâmica é essencial para contribuir com estratégias que fortaleçam a agricultura familiar e promovam o acesso a alimentos de qualidade, garantindo que as feiras orgânicas continuem a desempenhar seu papel fundamental na segurança alimentar e na promoção de saúde.

A escolha desta feira em particular decorre do fato de que o declínio no público representa um risco direto para sua continuidade, podendo comprometer a renda dos feirantes e o acesso da comunidade local a alimentos orgânicos e frescos. Desta forma, o estudo busca contribuir para o entendimento das dinâmicas socioeconômicas que impactam as feiras orgânicas e propor reflexões sobre estratégias para a sua manutenção como espaços de promoção de saúde, segurança alimentar e valorização da produção familiar.

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa é um estudo de caso com a análise qualitativa que visa compreender o processo de fidelização e a flutuação de público da Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto, em Pato Branco – Paraná, durante o período de outubro de 2020 (pandemia de COVID-19) a dezembro de 2024. O estudo buscou investigar os impactos sociais e econômicos da pandemia na dinâmica da feira, destacando alterações nos padrões de consumo em uma região periférica da cidade.

Parte das coletas de dados foram realizadas semanalmente, utilizando duas técnicas principais: planilhas com dados sobre a frequência dos consumidores, disponibilidade e preço dos alimentos e observação participante. A partir da sistematização e análise destas planilhas, foram realizadas entrevistas com roteiros específicos com agricultores feirantes e consumidores.

O estudo considerou um total de 178 edições semanais da feira, realizadas entre outubro de 2020 e dezembro de 2024. A periodicidade das feiras permitiu a coleta consistente de dados, representando diferentes contextos sociais e econômicos, como os períodos mais críticos da pandemia e a posterior retomada das atividades normais. Para garantir a integridade dos dados, todas as informações foram organizadas em planilhas eletrônicas, permitindo consultas e análises ao longo do tempo.

A interpretação dos dados foi realizada com base em um enfoque qualitativo, buscando identificar padrões e mudanças nos perfis dos frequentadores da feira, considerando o impacto de eventos históricos e econômicos, como a pandemia de COVID-19 e análise do conteúdo

das entrevistas, visando compreender como o contexto vivido pelos moradores do bairro Planalto influenciou a dinâmica da feira e o perfil de seu público.

### 3. Agricultura familiar no cenário pandêmico

A pandemia de COVID-19, declarada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), trouxe impactos profundos para a economia, a saúde pública e a organização social no Brasil. As medidas de isolamento e restrição de circulação adotadas para conter a disseminação do vírus resultaram no fechamento temporário de diversos estabelecimentos comerciais, incluindo feiras livres e mercados locais, dificultando a distribuição dos produtos de agricultores familiares. Além disto, a crise econômica agravada pela pandemia reduziu o poder de compra da população, ampliando a insegurança alimentar e elevando o número de brasileiros em situação de fome (Nações Unidas Brasil, 2021).

O cenário pandêmico trouxe impactos significativos para a agricultura familiar no Brasil, especialmente, no que diz respeito à comercialização e à geração de renda dos agricultores com estabelecimentos com áreas menores. As medidas de isolamento social e o fechamento temporário de mercados, feiras e restaurantes limitaram o escoamento da produção, prejudicando diretamente a economia das famílias que dependem deste setor. Além disto, a suspensão de programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, que adquiria parte da produção dos agricultores familiares para a merenda escolar, intensificou a vulnerabilidade deste grupo. A dificuldade de acesso a canais alternativos de venda e a falta de políticas emergenciais eficazes agravaram a crise no setor, comprometendo a segurança alimentar e a sustentabilidade econômica de diversas comunidades rurais.

O Brasil pode ser considerado uma potência agropecuária, porém, é a agricultura familiar que mantém a população alimentada e nutrida, utilizando menos recursos, como é apontado por Girandi (2022, p. 15):

Considerando o papel desempenhado pela agricultura camponesa na produção e geração de trabalho, a reduzida quantidade de terra que detém e os recursos proporcionalmente muito inferiores que recebe do Governo Federal, é possível afirmar que a agricultura de base familiar é mais eficiente do que o agronegócio, já que produz proporcionalmente mais com menos recursos.

A agricultura familiar é fundamental para o desenvolvimento sustentável do Brasil, desempenhando um papel crucial na produção de alimentos e na economia nacional. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, ela representa 77% dos estabelecimentos agropecuários, emprega 67% das pessoas no meio rural e é responsável por significativa parcela da produção de alimentos essenciais (IBGE, 2017).

Apesar de necessitar de reforços, as políticas públicas desempenham um papel fundamental na segurança financeira dos agricultores familiares, garantindo condições adequadas para a produção, comercialização e sustentabilidade econômica dessas atividades. Programas de crédito rural, subsídios, incentivos fiscais e políticas de garantia de preços mínimos são essenciais para reduzir a vulnerabilidade destes agricultores diante de oscilações de mercado e fatores climáticos adversos.

Os agricultores familiares que atuam como feirantes salientam a dificuldade de acessar esses programas de financiamento para suas propriedades. A feirante JRZ (50 anos) afirma

encontrar dificuldades em se manter na área rural devido ao alto custo de investimento para sua produção:

A burocracia para acessar esses financiamentos é muito grande, acabo dependendo do salário do meu marido para investir na minha produção, que por enquanto nem está gerando lucro. Nosso orçamento fica muito apertado, não temos outra saída e o governo só pensa em beneficiar os grandes produtores.

Além disso, iniciativas como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE fortalecem a demanda por produtos da agricultura familiar, assegurando um fluxo contínuo de renda. A ausência ou fragilidade dessas políticas pode comprometer a estabilidade financeira dos produtores, limitando sua capacidade de investimento e permanência na área rural, o que impacta diretamente a segurança alimentar e o desenvolvimento das comunidades rurais.

Outro fator determinante foi a mudança nos padrões de consumo durante a pandemia, que impactou diretamente a demanda por produtos da agricultura familiar. Com a queda do poder de compra da população e o aumento dos preços dos alimentos, muitas famílias passaram a priorizar produtos de menor custo, muitas vezes industrializados, em detrimento dos alimentos frescos e orgânicos (Andrade et al., 2023). Esta mudança representou um desafio para os agricultores familiares, que, além das dificuldades logísticas impostas pela pandemia, precisaram encontrar formas de adaptar sua produção e comercialização para manter a viabilidade de seus empreendimentos. A crise evidenciou a necessidade de políticas públicas que garantam maior suporte aos agricultores, promovendo sua inclusão em mercados institucionais e incentivando canais de comercialização que favoreçam a venda direta ao consumidor, como feiras livres e plataformas digitais.

O período de pandemia impactou as feiras de produtos orgânicos tanto na dinâmica comercial quanto na percepção de risco dos consumidores e feirantes. Assim, como observado no estudo de Lira Neto et al. (2024), estes espaços se mantiveram essenciais para o abastecimento alimentar, mas enfrentaram desafios relacionados à biossegurança e à reorganização do fluxo de clientes.

A pandemia de COVID-19 evidenciou e aprofundou as desigualdades socioeconômicas no acesso à alimentação, impactando especialmente as populações mais vulneráveis. Segundo pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional - Rede PENSSAN, "em 2020, mais da metade da população brasileira (55,2%) vivia em algum grau de insegurança alimentar, sendo que 9% enfrentavam insegurança alimentar grave, caracterizada pela fome" (Rede Penssan, 2021).

O aumento do desemprego e a elevação dos preços dos alimentos agravaram essa situação, tornando o acesso a uma alimentação adequada um desafio para milhões de brasileiros. Conforme apontam Santos et al. (2014), "as políticas de auxílio emergencial foram fundamentais para mitigar a crise alimentar, mas sua descontinuidade expôs ainda mais as fragilidades estruturais do sistema de segurança alimentar no país". Esse cenário reforça a necessidade de políticas públicas permanentes que garantam o acesso à alimentação, reduzindo as desigualdades e promovendo a soberania alimentar.

As feiras de alimentos orgânicos representam uma alternativa acessível para o abastecimento das famílias, oferecendo alimentos recém colhidos, livres de agrotóxicos, com preços geralmente mais baixos em comparação aos mercados convencionais. Estas feiras se destacam por fazer parte de uma cadeia curta de comercialização, eliminando a figura dos

atravessadores e permitindo que o agricultor negocie diretamente com o consumidor. Este modelo reduz custos extras impostos pelos atravessadores, garantindo que uma maior parte do lucro permaneça com as famílias de agricultores. Além disto, a ausência de intermediários contribui para o fortalecimento da agricultura familiar.

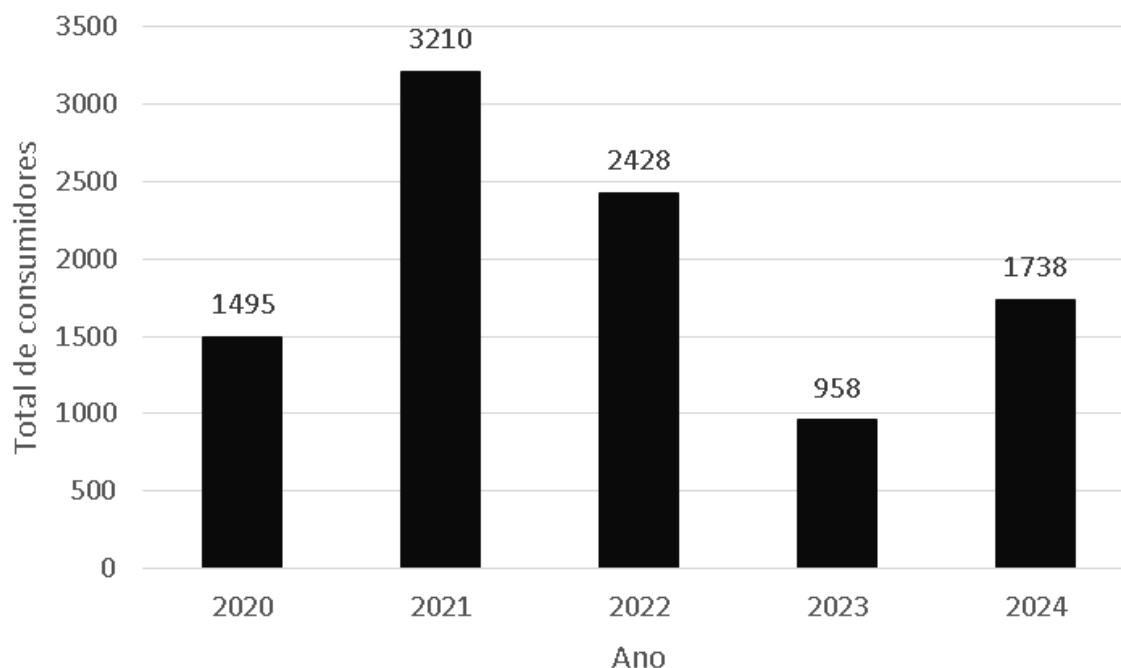
A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO aponta a agricultura familiar como uma alternativa de garantia ao direito humano à alimentação por meio desses circuitos curtos, contribuindo para a construção de sistemas alimentares sustentáveis (FAO, 2018).

#### 4. Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto

Foi nesse cenário pandêmico que a Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais instalou-se no bairro Planalto, em Pato Branco. A feira teve início em setembro de 2020, com a participação de cinco agricultores e a Cooperativa da Agricultura Familiar Integrada de Itapejara d'Oeste – Coopafi, ocorrendo em todas as sextas-feiras das 17h às 21h. No mês seguinte à inauguração, a feira chegou a marca de 634 consumidores durante o mês de outubro. Este dado evidencia a receptividade da comunidade em relação à feira, mesmo em um momento de restrição de circulação da população.

Desde o início da feira, ocorreram algumas mudanças, como a saída da cooperativa e a redução no número de feirantes. A partir de 2023, a feira passou a ter uma média mensal de público que não ultrapassa 200 consumidores, um número significativamente inferior aos 634 registrados no primeiro mês de atividade. No último ano da feira, desde março de 2024, haviam apenas três feirantes atuando e a partir do mês de dezembro de 2024 esse número foi reduzido para apenas dois. Além do número de feirantes, o tempo de duração da feira também foi reduzido, passando a ocorrer das 16h30 às 19h.

**Figura 1** - Número total de consumidores da Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto, em Pato Branco, entre os anos de 2020 e 2024.



Fonte: Próprios autores.

O público total de 2020, apresentado na Figura 1, corresponde a apenas três edições da feira realizadas entre outubro e dezembro em seu ano de inauguração. A partir de 2021, a feira passou a ocorrer regularmente ao longo de todo o ano. Em 2022, entretanto, houve uma interrupção das atividades em outubro, com retorno apenas em março de 2023. No mesmo ano, ao final de dezembro, a feira passou por uma nova pausa, retomando suas atividades em março de 2024.

Os dados de 2023 apresentam uma inconsistência significativa no período entre abril e julho, pois não há registros de frequência disponíveis para estes meses. Esta lacuna pode ser atribuída à falta de coleta de dados durante este intervalo. A ausência de registros nesse período compromete a continuidade da análise e deve ser considerada ao interpretar os resultados. Portanto, a interpretação dos dados deve ser ajustada, levando em conta que a falta de informações durante esses meses não reflete a realidade do ano como um todo.

Contudo, em seu retorno das atividades em 2024, a feira contava com quatro feirantes atuando semanalmente, porém, encerrou o ano com apenas dois. Esta redução impactou diretamente a diversidade e a quantidade de produtos disponíveis aos consumidores. Além disto, a saída de feirantes influenciou a frequência do público, uma vez que muitos consumidores já estavam habituados com estes agricultores e seus produtos, o que pode ter afetado a fidelização e a regularidade das compras.

Uma consumidora apontou a diminuição de variedade de produtos como um ponto a ser melhorado, MS (56 anos) afirma:

A saída da outra feirante diminuiu bastante a quantidade de produtos, quando acabo vindo mais tarde para a feira já não tem tantas opções de salada. [...] a única sugestão seria trazer mais feirantes para ter coisas diferentes disponíveis.

A relação de confiança entre consumidores e feirantes é um elemento central para a permanência do público nas feiras livres, influenciando diretamente a decisão de compra e a fidelização dos clientes. Como discutido por Godoy e Anjos (2007), a feira é um espaço de trocas não apenas econômicas, mas, também, sociais e culturais, onde os consumidores criam laços com os produtores, trocando saberes sobre os alimentos e seus modos de produção.

Essa relação de confiança entre consumidores e agricultores fica explícita na fala de um antigo cliente, VS (78 anos):

Gosto de comprar as saladas na feira porque sei que eles não usam veneno nas coisas. [...] fiz tanta amizade com os feirantes que até já vendi a pipoca que eu planto pra eles.

Nesse sentido, a rotatividade de feirantes pode impactar negativamente o fluxo de clientes, pois rompe vínculos estabelecidos e reduz a sensação de familiaridade e segurança dos consumidores. No caso analisado, a substituição de feirantes pode ter afetado a percepção de qualidade dos produtos e a confiança do público, contribuindo para a diminuição da frequência à feira.

ML (65 anos) afirma que a ausência de uma das feirantes influenciou na sua frequência na feira:

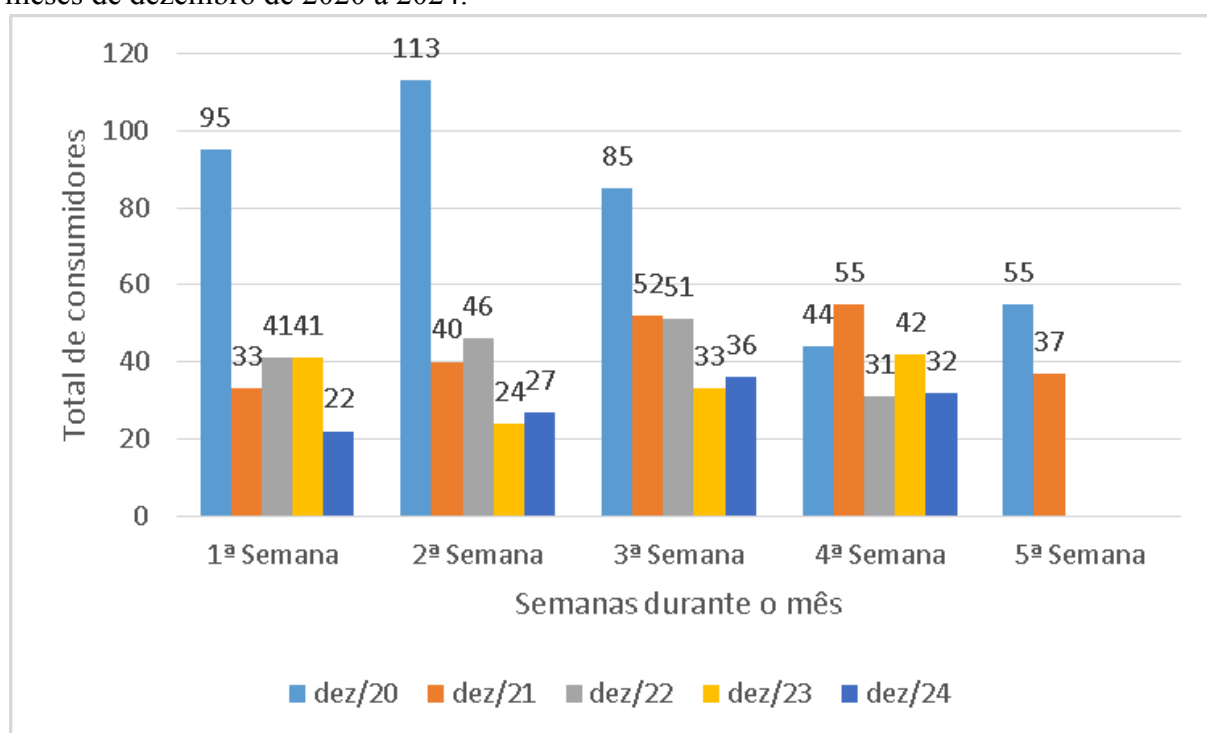
Gostava muito de comprar os produtos dela, até encomendei remédio caseiro pra minha mãe. Quando ela parou de vir pra feira, eu até

mandei mensagem pra saber o que tinha acontecido. Só continuei vindo porque gosto muito das saladas da feira, são melhores que as do mercado.

A análise dos dados coletados também revelou uma tendência recorrente ao longo dos anos: a diminuição do público consumidor nas semanas próximas ao fim do mês. Este padrão pode estar diretamente relacionado à dinâmica econômica do bairro Planalto, que é predominantemente habitado por trabalhadores assalariados.

O impacto da renda sobre o comportamento de compra foi evidenciado nos dados da feira do Bairro Planalto, que registraram quedas mais acentuadas no fluxo de clientes nas duas últimas semanas de cada mês.

**Figura 2** - Variação dos consumidores durante o decorrer do mês. Comparativo entre os meses de dezembro de 2020 a 2024.



Fonte: Próprios autores.

A Figura 2 ilustra essa análise, trazendo dados de frequência nos meses de dezembro nos últimos cinco anos de feira, onde a segunda semana do mês tende a ser a de maior movimento e apresentando uma queda nas semanas que se aproximam do fim do mês. Vale ressaltar que apenas dezembro de 2020 e 2021 contaram com cinco edições da feira, enquanto nos outros anos manteve-se o padrão de quatro feiras por mês de acordo com o calendário.

Pessoas da classe trabalhadora frequentemente dependem de salários mensais fixos, que são recebidos no início ou no meio do mês. Conforme o mês avança, estas famílias enfrentam uma redução no poder de compra devido a despesas recorrentes, como despesas com alimentação e transporte. Essa diminuição no poder aquisitivo ao longo do mês leva a um consumo mais cauteloso nas semanas que antecedem o próximo pagamento salarial.

A percepção de que os alimentos orgânicos são mais caros é amplamente difundida

pelos meios de comunicação convencionais, que frequentemente destacam os altos preços desses produtos nos supermercados. De fato, em supermercados os custos elevados podem ser justificados por fatores como logística e margens de revenda. No entanto, essa visão não representa toda a realidade da comercialização de orgânicos.

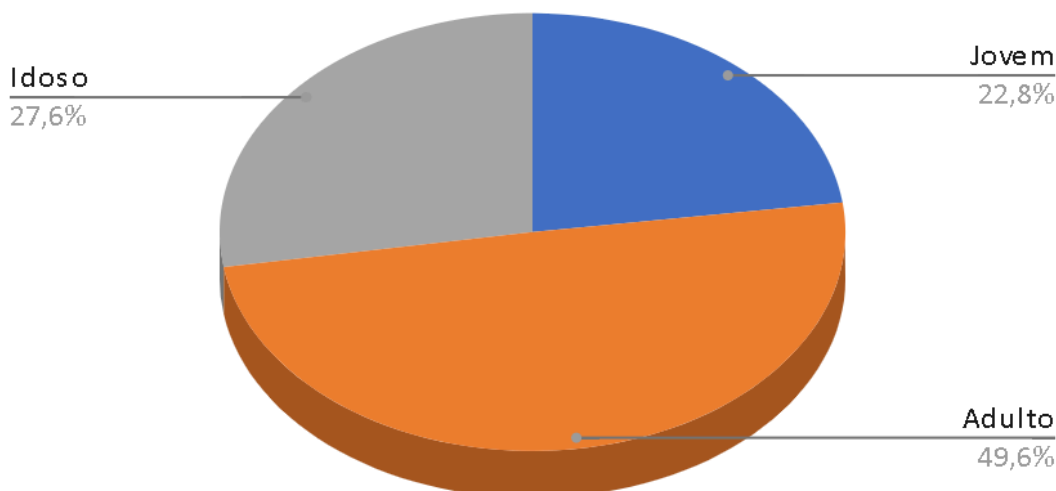
Nas feiras aqui estudadas não há intermediários, portanto os preços tendem a ser mais acessíveis. Em muitos casos, os produtos orgânicos vendidos nessas feiras apresentam valores equivalentes aos dos alimentos convencionais encontrados em supermercados, tornando-se uma alternativa viável para a população que busca alimentos mais saudáveis sem um custo elevado. A pesquisa de Kiyota e Perondi (2023) analisou as feiras orgânicas incluídas no mesmo projeto deste estudo, cobrindo o período de 2020 a 2022, constatando que as feiras possuem uma média de preço inferiores aos de alimentos orgânicos encontrados em supermercados. Além disso, os orgânicos das feiras mantiveram preços semelhantes aos de alimentos convencionais nos mercados.

Compreender a dinâmica de consumo da população dessa região é essencial para o desenvolvimento de estratégias que possam controlar a flutuação de público, como a implementação de promoções específicas no final do mês ou a oferta de facilidades de pagamento que se adequem à realidade financeira dos consumidores da classe trabalhadora. É importante também, o fortalecimento das feiras para que esse público continue a incluir em sua dieta alimentos livres de agrotóxicos e com preços justos, garantindo uma dieta saudável e nutritiva durante o mês todo.

Buscando propiciar esse espaço de lazer e oferta de alimentos orgânicos e artesanais, as decisões tomadas em relação à feira visam conciliar as demandas da comunidade e a disponibilidade dos feirantes, portanto foram realizadas pesquisas de preferência por dia e horário para a ocorrência da feira. Essa pesquisa foi realizada através de questionários enviados às famílias, por meio das crianças estudantes da rede municipal de ensino no Bairro Planalto.

A definição do horário de funcionamento da feira orgânica leva em consideração a rotina dos trabalhadores, garantindo maior acessibilidade ao público-alvo. Em 2024, 49,6% dos frequentadores registrados são adultos em idade produtiva, como mostra a Figura 3, o que justifica a escolha de horários que permitam a participação desse grupo. Essa decisão busca favorecer a compra de alimentos saudáveis sem comprometer a jornada de trabalho, contribuindo para a continuidade e o fortalecimento da feira.

**Figura 3** - Distribuição por faixa etária dos consumidores da Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Planalto, entre março e dezembro de 2024.



Fonte: Próprios autores.

A feira é realizada no Centro Comunitário do Bairro Planalto, em uma localização estratégica que favorece o acesso da população local. Situado a poucas quadras das escolas do bairro e na rua principal por onde circula o transporte público, o espaço escolhido contribui para a visibilidade e o fluxo de pessoas. O horário de funcionamento, das 16h30 às 19h, coincide tanto com a saída dos alunos do turno da tarde quanto com o fim da jornada de quem atua em horário comercial, o que intensifica a movimentação na região e potencializa o número de frequentadores da feira.

Além da escolha de local para a feira, os feirantes adotam uma estratégia específica na organização de suas bancas - a montagem das mesas é voltada para a rua, com o intuito de facilitar a visualização dos produtos por quem passa em frente ao Centro Comunitário. Essa disposição busca atrair a atenção de pedestres e passageiros do transporte público, aumentando as chances de aproximação e compra, especialmente nos horários de maior circulação.

Os produtos ofertados na feira refletem as características da produção familiar e orgânica dos feirantes. O expositor responsável pelas hortaliças costuma disponibilizar olerícolas, leguminosas e produtos transformados de origem animal, como queijo e manteiga. No entanto, a oferta de frutas não se mantém constante ao longo do ano, devido à sazonalidade das culturas e às limitações da produção local, isso gera um déficit na diversidade de frutas disponíveis na feira. Paralelamente, a outra feirante atua principalmente com a venda de itens transformados de origem vegetal, como bolachas, pães caseiros, bolinhos de massa de pão, pastéis e coxinhas, produtos que funcionam como atrativos para os consumidores que buscam lanches prontos durante a visita à feira.

## 5. Desafios e Perspectivas dos Feirantes na Comercialização Direta

Os feirantes da feira do bairro Planalto apresentam diferentes trajetórias e desafios em

sua atuação como comerciantes de produtos orgânicos. LR (56 anos) e JRZ (50 anos), entrevistados para esta pesquisa, começaram a participar da feira em março de 2023 e possuem experiências distintas quanto à agricultura e ao comércio de hortaliças.

LR, agricultor de 56 anos, iniciou sua participação na feira sem ter experiência prévia na comercialização de hortaliças durante a pandemia. Atualmente, enfrenta desafios relacionados à logística, pois não dirige e depende de terceiros para transportar seus produtos até o local. Além disto, a falta de mão de obra familiar torna o cultivo mais difícil, uma vez que apenas ele se dedica à produção. O alto custo dos insumos para controle de pragas também é um obstáculo para a viabilidade financeira do cultivo orgânico. Sua principal fonte de renda vem da comercialização de frutas para a alimentação escolar municipal e do arrendamento de terras, o que indica que a feira até o momento é apenas uma renda complementar. Nos primeiros meses, o lucro obtido mal cobria os custos com deslocamento, o que gera incerteza sobre a continuidade de sua participação no futuro caso não haja melhora na lucratividade.

Este feirante é o responsável pela oferta de hortaliças, e enfrenta o desafio constante de estimar a quantidade adequada de produtos a serem levados para a feira. Por ser o único expositor com esse tipo de item, sua banca costuma concentrar grande parte da demanda do público, o que muitas vezes resulta no esgotamento precoce dos produtos, antes mesmo do encerramento da feira. Essa dificuldade de previsão afeta o atendimento ao público e pode comprometer o aproveitamento das oportunidades de venda ao longo de todo o período de atendimento.

Já JRZ, agricultora de 50 anos, por sua vez, ingressou na atividade agrícola após anos trabalhando no setor urbano. Da mesma forma que o agricultor LR (56 anos), a falta de mão de obra qualificada é um dos principais desafios para manter a produção de hortaliças e morangos, já que apenas ela se dedica a esta função dentro da família. A comercialização na feira ainda não representa um retorno financeiro expressivo, sendo o cultivo de morangos a principal atividade rentável de sua unidade de produção. O salário do marido é a maior fonte de renda da família, tornando a feira um complemento de renda que ainda precisa se consolidar. JRZ acredita que a falta de divulgação do evento prejudica o crescimento da clientela e defende estratégias de marketing para atrair mais consumidores.

A falta de mão de obra no campo não é exclusivo da realidade brasileira:

As estatísticas da FAO mostram que, desde 2010, há mais pessoas nas cidades do que nos campos, revertendo uma condição milenar da humanidade. E a tendência é inexorável, pois as projeções do Banco Mundial indicam que haverá 3,4 bilhões de habitantes na área rural do mundo em 2020, contra estimados 3,1 bilhões para 2050. Ou seja, 40% das pessoas viverão no campo em 2020 e apenas 32% em 2050. (Gazzoni, 2018).

Ambos os feirantes compartilham a percepção de que a feira ainda precisa se fortalecer para garantir sua viabilidade econômica a longo prazo. A baixa lucratividade e os desafios logísticos fazem com que a permanência na feira dependa de mudanças estruturais, como maior investimento em divulgação e aumento no número de consumidores. Estas dificuldades, aliadas à redução do público após a pandemia, indicam que a feira enfrenta um período de adaptação e que sua consolidação dependerá de estratégias voltadas para a ampliação do público consumidor e o suporte aos feirantes.

Em meio à entrevista, a agricultora JRZ (50 anos) expressou sua preocupação com o

futuro alimentar da população mundial:

A gente sabe que os alimentos orgânicos são muito mais saborosos e saudáveis, mas não temos nenhum apoio financeiro para continuar produzindo alimentos nesse modelo. São muitos desafios, desde a mão de obra até os insumos biológicos que são muito caros. Do jeito que as coisas andam, o futuro vai ser comer só frutas e saladas regadas à agrotóxicos, porque nenhum agricultor vai aguentar trabalhar sem ter lucro.

As linhas de crédito voltadas para a produção orgânica familiar desempenham um papel fundamental na promoção da agroecologia e no fortalecimento da agricultura sustentável. No Brasil, programas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar -Pronaf, oferecem condições especiais para pequenos produtores que adotam práticas orgânicas e agroecológicas. O Pronaf Agroecologia, por exemplo, disponibiliza financiamento com taxas de juros reduzidas para investimentos em certificação orgânica, sistemas agroflorestais e insumos biológicos, incentivando a transição para modelos produtivos mais sustentáveis e alinhados às exigências ambientais (Cardoso et al., 2024).

## **6. Considerações finais**

A pesquisa demonstrou que o público consumidor das feiras orgânicas de Pato Branco passou por uma significativa modificação no período pós-pandêmico. Dos 45 entrevistados, apenas cinco afirmaram frequentar a feira desde a pandemia, indicando que a maioria dos consumidores atuais não fazia parte do público que impulsionou a criação e o fortalecimento destas feiras durante o período de restrições sanitárias.

A redução do público observada após a pandemia pode estar diretamente relacionada às mudanças no quadro de feirantes. A saída de agricultores que participaram ativamente da feira nos anos iniciais pode ter impactado a oferta de produtos, alterando a dinâmica de consumo e a fidelização dos clientes. A rotatividade de expositores e possíveis variações na diversidade e qualidade dos produtos disponíveis, também, podem ter influenciado a retenção do público.

Esses resultados indicam a necessidade de estratégias para consolidar e fortalecer a comercialização de produtos orgânicos nas feiras, garantindo maior estabilidade para os produtores e incentivando a fidelização dos consumidores. A continuidade destas iniciativas depende de ações que promovam a manutenção e a atratividade dos feirantes, além da ampliação das estratégias de divulgação e envolvimento da comunidade.

O estudo contribui para a compreensão das transformações no consumo de produtos orgânicos em feiras urbanas e pode embasar futuras pesquisas sobre a relação entre a estabilidade dos feirantes e a retenção do público consumidor. Além disto, reforça a importância de políticas de incentivo que favoreçam a permanência dos agricultores familiares no comércio direto com os consumidores, garantindo a viabilidade econômica dessas iniciativas no longo prazo.

## **Referências**

AGÊNCIA SENADO. **Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos.** 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em: 6 dez. 2024.

ANDRADE, G. C. et al. Changes in dietary markers during the covid-19 pandemic in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 57, p. 54, 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 set. 1990.

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.** Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília, 15 set. 2006.

CARDOSO, M. V. A.; SOARES, J. P. G.; JUNQUEIRA, A. M. R.; LEITE, E. J. Análise de políticas públicas e crédito na produção orgânica: um estudo preliminar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 62., 2024, Palmas. Bioeconomia, cadeias de valor e desafios do desenvolvimento regional: **Anais** [...]. Brasília, DF: SOBER, 2024. 16 p. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1167109/1/AA-CPAC-SOARES-2024c.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

FAO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA. **Facilitando o acesso ao financiamento para agricultores familiares e pequenas explorações agrícolas.** *FAO Portugal*, 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.fao.org/portugal/noticias/detail/pt/c/1146384/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

G20. **Relatório da Cúpula de Líderes: Rio de Janeiro.** Brasília: Governo do Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/g20-rio-de-janeiro-leaders-em-portugues.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GAZZONI, D. L. **Os dois desafios da mão de obra no campo.** Disponível em: <https://cnabrasil.org.br/publicacoes/os-dois-desafios-da-mao-de-obra-no-campo>. Acesso em: 24 mar. 2025.

GIRARDI, E. P. Brasil potência agrícola: dinâmicas recentes, projeções, contradições e fragilidades (2006-2029). **Confins**, n. 54, 2022. p. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/44608>. Acesso em: 18 mar. 2025.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, fev. 2007. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia. Disponível em: <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:162990697>. Acesso em: 7 abr. 2025.

IBGE. **Censo Agropecuário.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR (IDEC). **Pandemia: aumento de consumo de ultraprocessados pelo Brasil.** Idec, 27 out. 2020. Disponível em:

<https://idec.org.br/noticia/pandemia-aumento-de-consumo-de-ultraprocessados-pelo-brasil>.

Acesso em: 7 abr. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO (INAN). **Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição: relatório final**. Brasília: INAN, MS, 1986.

LIRA NETO, J. C. G. et al. Reflexos da pandemia de covid-19 na venda de alimentos em feiras livres no Maciço de Baturité-CE. **Saúde em Debate**, v. 48, n. spe1, p. e8573, ago. 2024.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **SOFI 2021: Relatório da ONU destaca os impactos da pandemia no aumento da fome no mundo**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/135635-sofi-2021-relat%C3%B3rio-da-onu-destaca-os-impactos-da-pandemia-no-aumento-da-fome-no-mundo>. Acesso em: 6 dez. 2024.

OXFAM BRASIL. **A fome já atinge 33,1 milhões de pessoas no Brasil**. 2022. Disponível em:

<https://www.oxfam.org.br/especiais/olhe-para-a-fome-2022/#:~:text=A%20fome%20j%C3%A1%20atinge%2033,dos%20primeiros%20dados%2C%20em%202021>. Acesso em: 7 abr. 2025.

PERONDI, M. A.; KIYOTA, N. O PAPEL DAS FEIRAS ORGÂNICAS NA SEGURANÇA ALIMENTAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19: CONSUMIDORES, PREÇOS E ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO ADOTADAS ENTRE 2020 E 2022... *In*: Anais do 61º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). **Anais...**Piracicaba(SP) ESALQ/USP, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2023/626426-O-PAPEL-DAS-FEIRAS-ORGANICAS-NA-SEGURANCA-ALIMENTAR-DURANTE-A-PANDEMIA-DE-COVID-19--CONSUMIDORES-PREÇOS-E-ESTRAT>. Acesso em: 02 abr. 2025.

REDE PENSSAN. **Insegurança alimentar no Brasil: A realidade da fome**. 2021. Disponível em: <https://www.penssan.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTOS, F. dos. et al.. Avaliação da inserção de alimentos orgânicos provenientes da agricultura familiar na alimentação escolar, em municípios dos territórios rurais do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 5, p. 1429–1436, maio 2014.